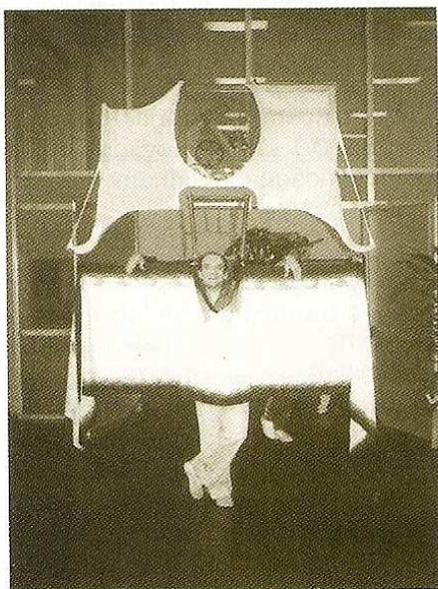




SÉRGIO
FERRO

FLÁVIO
IMPÉRIO



RODRIGO
LEFÈVRE



Arquitetura nova

Ainda que nunca tenham se autodenominado um grupo, a atuação conjunta dos arquitetos paulistanos Flávio Império (1935-1985), Rodrigo Lefèvre (1938-1984) e Sérgio Ferro (1938), representa um momento singular no panorama político e cultural brasileiro

por ANA PAULA KOURY

As posições estéticas e políticas de Sérgio Ferro, Rodrigo Lefèvre e Flávio Império compõem o que se poderia chamar de base do programa da Arquitetura Nova. As atuações no ensino, na crítica e na prática da arquitetura, assim como as produções artísticas desses profissionais definiram uma aspiração de ultrapassar os limites estritos dessas práticas e da opinião individual de cada um, estabelecendo um pensamento coletivo formado pela ação multidisciplinar, fomentando o debate que os destacaria como propositores de novas bases para a arquitetura brasileira contemporânea.

Flávio Império, Rodrigo Lefèvre e Sérgio Ferro conquistaram o diploma em 1961 pela FAU-USP onde, no ano seguinte, tornaram-se docentes, participando da reforma de ensino proposta por Vilanova Artigas naquele mesmo ano.

A abrangência da atuação de Artigas, o compromisso didático, ético e social da arquitetura, o modelo das várias faces da profissão, a arquitetura entendida como o exercício de cidadania que conjuga a arte e a técnica construtiva foram alguns dos ensinamentos do mestre que influíram no programa da arquitetura dos três arquitetos. Essa filiação, apesar de crítica, rendeu uma polêmica e afetuosa relação com Artigas.

Divergiam em relação à confiança dele no processo de desenvolvimento industrial que vinha sendo implementado desde os anos do governo de Juscelino Kubitschek, entre 1956-60. Questionavam as conseqüências da política desenvolvimentista para as conquistas sociais no Brasil, o que acabou por levar a uma dissidência no Partido Comunista Brasileiro.

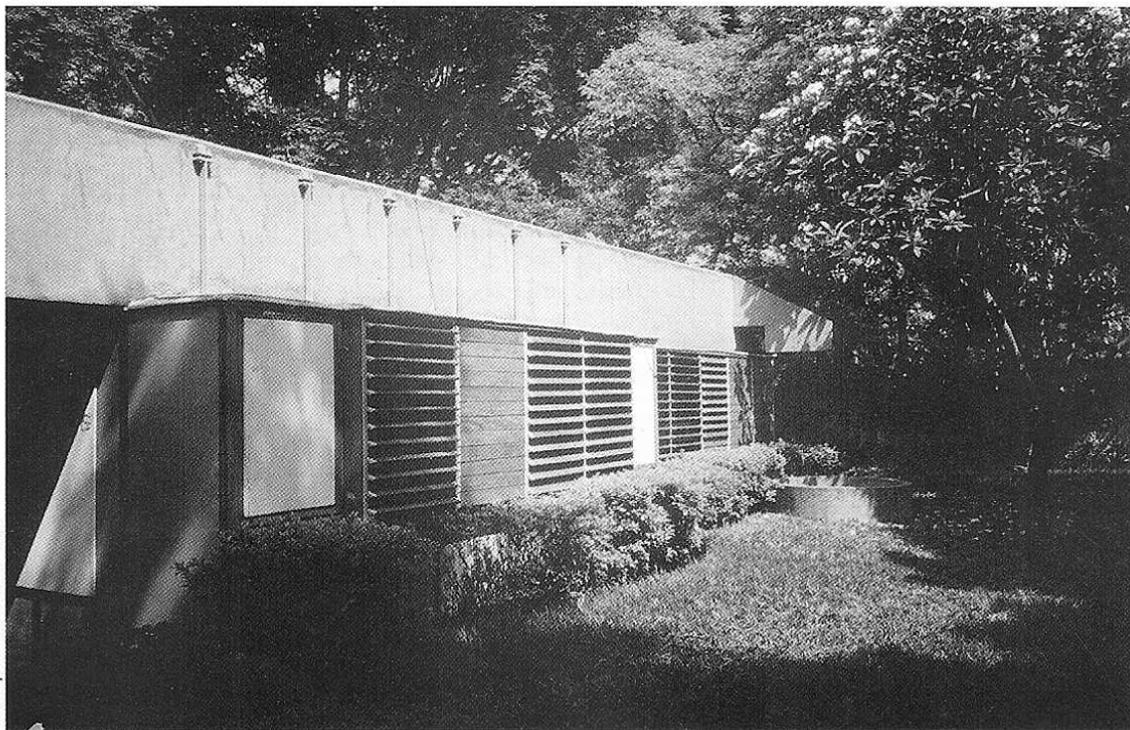
A crítica à organização do trabalho no canteiro de obras e a formulação da “poética da economia” permitem acompanhar os desdobramentos desse questionamento na formulação da proposta estética da Arquitetura Nova.

Poética da economia

O texto *Arquitetura Nova* publicado por Sérgio Ferro, em 1967, apresenta uma sistematização da crítica do grupo à arquitetura de Niemeyer e Artigas. Nesse texto, Ferro aponta os limites do projeto desenvolvimentista, reconhecendo em Brasília o marco do apogeu e da crise das esperanças depositadas no projeto da nova capital pela arquitetura moderna brasileira.

Antes disso, a “poética da economia” havia sido conceituada em *Proposta Inicial para um Debate: Possibilidades de Atuação*, de Rodrigo Lefèvre e Sérgio Ferro, em 1963, do seguinte modo: “Assim é que do mínimo útil, do mínimo construtivo e do mínimo didático necessários, tiramos, quase, as bases de uma nova estética que poderíamos chamar a ‘poética da economia’, do indispensável, da eliminação de todo o supérfluo, da ‘economia’ de meios para formulação da nova linguagem, para nós, estabelecida nas bases da nossa realidade histórica.”

Esse conceito define os princípios éticos e estéticos da produção do grupo em diversas manifestações e estava presente nas experiências iniciais da cenografia de Flávio Império que, em 1960, participava da realização do espetáculo *Morte e Vida Severina*. As experiências de Império contribuíram para a transformação da “poética da economia” em princípio de arquitetura realizada pelo grupo. Materiais simples e baratos usados com muito engenho, a explicitação do processo produtivo da cena, incluindo os rastros da falta de habilidade de uma mão-de-obra



Residência Boris Fausto
(Sérgio Ferro, 1961, São Paulo- SP)



Residência Marietta Vampré -Rodrigo Lefèvre e Sérgio Ferro, 1962, São Paulo- SP

artesanal de “quinta categoria” propunham o “miserabilismo” como saída viável para a produção artística no País.

A economia no processo de produção da arquitetura também transparecia pelo uso de materiais baratos como o bloco de concreto, pela supressão de revestimentos, pela valorização do trabalho humano no canteiro e pelo desenvolvimento de tecnologias alternativas – caso das coberturas em grandes abóbadas, utilizadas pela primeira vez em 1963, na residência Bernardo Issler.

A economia evocada, portanto, não se reduzia ao barateamento da obra mas conotava a intenção dos arquitetos em evidenciar e valorizar os esforços envolvidos na construção do conforto doméstico, expressos tanto pela complexidade das instalações que se fazem necessárias, como pelas marcas que a atividade humana no canteiro deixa na forma acabada da arquitetura. As instalações aparentes, as paredes sem revestimento, o sistema construtivo das abóbadas não possuem valor pelas características isoladas mas como campo de definição de uma poética.

A crítica à organização do trabalho no canteiro foi sistematizada por Sérgio Ferro no livro *O Canteiro e o Desenho* de 1979 escrito na França, onde mora desde 1972. Nesse livro, o arquiteto denuncia a incongruência entre as preocupações sociais declaradas pelos colegas que se diziam de esquerda e o que eles produziam na prática efetiva. Apesar de todas as boas intenções sociais, o projeto desses arquitetos, em última me-

da, reforçava a desvalorização do trabalho humano empreendida no canteiro de obras, já que, na falta de uma base industrial que pressupunham existir, a construção era feita de forma artesanal, simulando um processo industrial inexistente.

Sérgio Ferro argumenta que esse tipo de projeto de arquitetura contribui para alienar o trabalhador e inverte o projeto social da arquitetura moderna. O sentido de humanidade em que se pautava a arquitetura moderna, a vertente corbusiana, para quem o homem, no sentido universal, servia de valor e medida da arquitetura, se inverte e o operário da construção fica reduzido à condição de força motriz do processo produtivo da arquitetura.

A proposta da Arquitetura Nova pretendia restituir a integridade do trabalho físico, no qual se baseia a construção efetiva da arquitetura e do saber técnico encastelado num faz-de-conta, propondo uma arquitetura que pudesse funcionar, com os recursos existentes, como indutora de processos de desenvolvimentos alternativos.

A crítica à organização do trabalho no canteiro, sistematizada no livro, e as experiências realizadas pela Arquitetura Nova vão atuar na racionalização do trabalho na construção. As obras têm como objetivo transformar a prática usual de produção artesanal da arquitetura em uma organização manufatureira que resulte em melhor desempenho na utilização dos materiais empregados na obra, no tempo de produção e no trabalho necessário na realização.

O grupo amplia e radicaliza a idéia de “moral construtiva” de Artigas, tornando explícito o esforço social presente no processo produtivo da arquitetura, operando no sentido de utilizar o processo como uma oportunidade para transformar os recursos humanos envolvidos nessa produção arquitetônica.

As obras

Os projetos residenciais formam a grande maioria das encomendas do grupo, constituindo uma demanda contínua durante toda a atuação conjunta. Realizaram também escolas em Piracicaba, Brotas e São José do Rio Preto, no interior paulista. Os projetos escolares incorporavam características de uma obra autônoma e inovadora, graças ao sistema de abóbadas para programas de grande porte. Nos projetos de casas é possível identificar o desenvolvimento e o avanço de pesquisas construtivas e espaciais, partindo dos sistemas construtivos em concreto armado, chegando às grandes coberturas em abóbadas feitas com lajes pré-fabricadas. Em cada projeto são experimentadas



Residência Simon Fausto - Flávio Império, 1961, Ubatuba - SP





Ginásio Estadual e Escola Normal - Flávio Império, Rodrigo Lefèvre e Sérgio Ferro, 1966, Brotas- SP

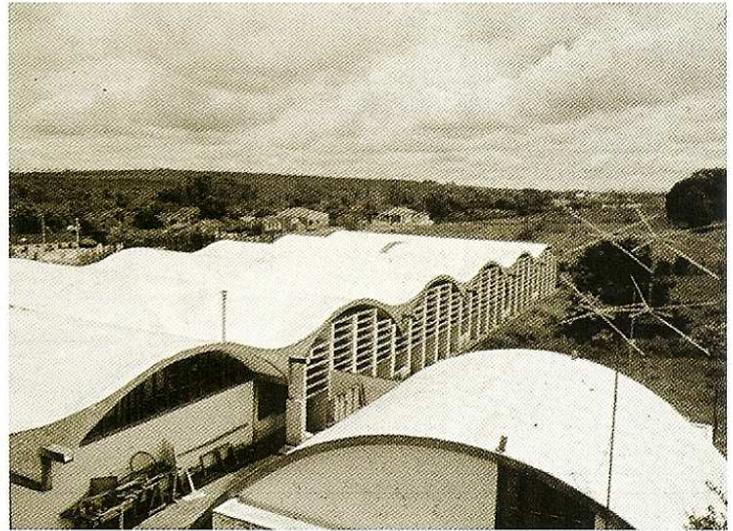
e testadas novas soluções que reorientam ou reafirmam as decisões dos projetos seguintes. Embora esses trabalhos não sejam realizados em parceria, expressam as contribuições de cada um no âmbito do processo de criação coletivo.

A aposta na construção industrializada, que caracteriza as primeiras obras de Sérgio Ferro e Rodrigo Lefèvre, encontra na residência Boris Fausto – de Sérgio Ferro, em 1961 – os limites de um parque industrial precário e desorganizado. Uma grande cobertura de laje de concreto plana com o interior dividido por painéis de vedação industrializados, montados a seco, caracterizam a obra. A má qualidade e a falta de medidas padronizadas desses painéis fizeram com que fossem adaptados no canteiro, causando mais transtorno do que contribuindo para a racionalização. Essa experiência marca a virada para tecnologias construtivas alternativas, como no caso das coberturas em abóbadas.

Do ponto de vista da organização do trabalho no canteiro, as experiências da residência Marietta Vampré – de Rodrigo Lefèvre e Sérgio Ferro, em 1962 – servem como exemplo. As alvenarias e as aberturas foram moduladas pelo componente construtivo, no caso, o bloco de concreto estrutural, permitindo que a caixilharia pudesse ser encomendada antes dos vãos estarem prontos. As tubulações foram deixadas aparentes para que não interferissem na flexibilidade da disposição dos ambientes e na integridade dos planos de alvenarias de bloco sem revestimento.

A primeira experiência com abóbadas foi realizada na residência Simon Fausto – de Flávio Império, em 1961, em Ubatuba – formada por um conjunto de abóbadas catalãs feitas com tijolos assentados a partir de um gabarito de madeira. Apesar da tecnologia simples que utilizou materiais locais e mão-de-obra pouco especializada, o espaço interior ficou fluido, com ambientes integrados no interior e no espaço externo, manifestando um caráter moderno.

A grande cobertura em abóbada foi empregada pela primeira vez na residência Bernardo Issler – de Sérgio Ferro, em 1961, em Cotia – onde é definido um partido construtivo e de organização espacial que caracterizará as casas seguintes, tais como os volumes hidráulicos separados do corpo da casa, acoplados nas duas faces da cobertura e os mobiliários de alvenaria aproveitando os cantos da curvatura. Nesse projeto está esboçado um conjunto de diretrizes de ocupação espacial que será desenvolvido e aprimorado depois. Do ponto de vista de produção, a simplicidade da construção



e a leveza dos elementos construtivos permitiram que a casa fosse construída por um único pedreiro.

As abóbadas desenvolvidas pelo grupo representam uma economia estrutural, uma vez que a geometria é capaz de resistir com maior eficiência aos esforços de momento fletor. Por trabalhar apenas com esforços axiais de compressão, o material empregado na abóbada pode ser o mais simples possível, poupando gastos elevados com ferragens. A leveza das peças e o tamanho reduzido permitem que os esforços empregados na construção também sejam menores do que aqueles necessários para as grandes lajes planas de concreto.

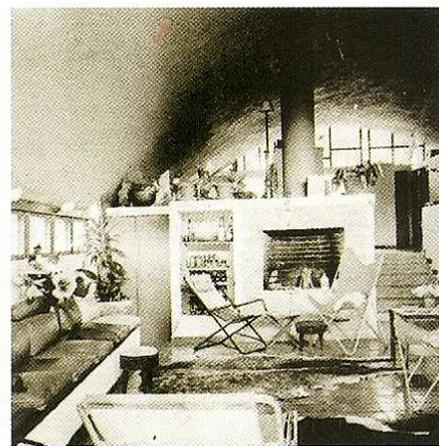
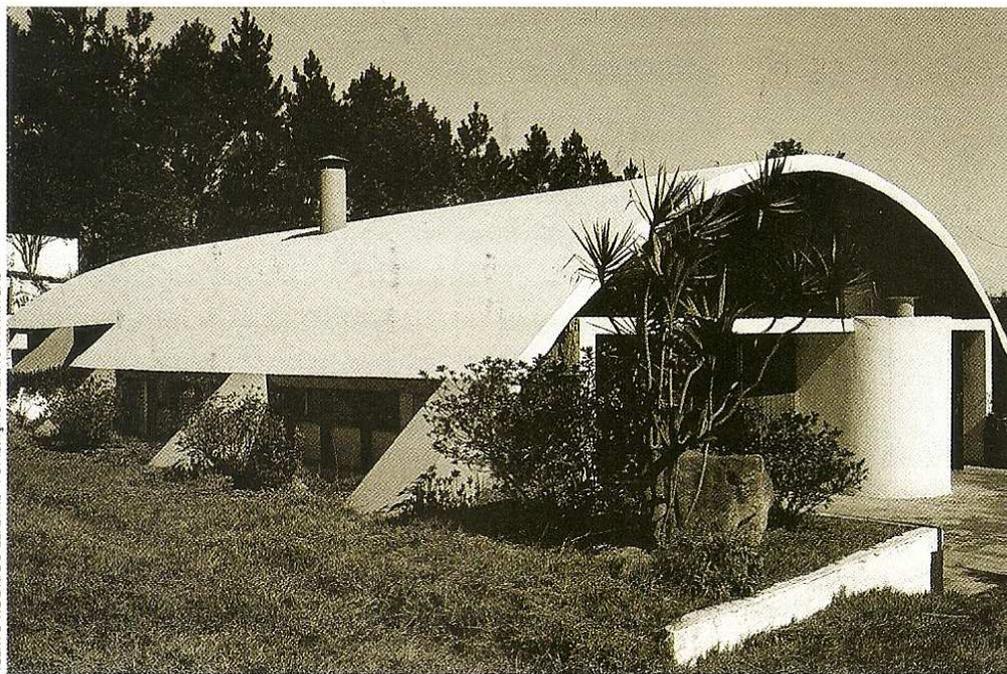
As experiências espaciais e construtivas empreendidas nesses projetos definem os elementos de uma poética por meio da qual a Arquitetura Nova pretendeu enfrentar o problema da moradia popular. O que não ocorreu. As experiências ficaram restritas às casas de intelectuais e amigos de classe média.

Depois de 1970

Em 1970, Sérgio Ferro e Rodrigo Lefèvre, com outros colegas de profissão, foram presos por resistirem ao regime militar. A prisão representou uma grande ruptura na vida pessoal do grupo e marcou o final do período de estreita colaboração entre eles. Entretanto, não significou o abandono das questões forjadas durante a parceria.

Os projetos de casas em abóbada que Rodrigo Lefèvre realizou ao longo da década de setenta, muitas em colaboração com Félix Alves de Araújo, Ronaldo Duschenes e outros arquitetos, aprimoram esse sistema construtivo e constituem diferentes modelos de agenciamento do programa e da ocupação da cobertura. Em 1981, Lefèvre sistematiza tal atuação projetual na dissertação de mestrado *Projeto de um Acampamento de Obras: Uma Utopia*. A proposta, contextualizada no âmbito da experiência do canteiro-escola, transforma o sistema construtivo das abóbadas em método didático de qualificação de mão-de-obra adulta, dirigido à população migrante, e resulta na construção de abrigos para essa população. O mestrado de Lefèvre explica a orientação popular da Arquitetura Nova e a preocupação com problemas contingentes, como uma inclusão mais digna do migrante na cadeia produtiva.

Em paralelo, Rodrigo Lefèvre emprega-se como arquiteto assalariado em uma grande empresa de projetos, a Hidroservice, onde trabalhou a partir de 1972, participando de projetos de grande porte, como a sede do DNER, em Brasília, e o Instituto dos Ambulatórios do Hospital das Clínicas, em São Paulo.



Residência Bernardo Issler -
Sérgio Ferro, 1961,
Cotia - SP

No mesmo ano, Sérgio Ferro muda-se para a França, dedicando-se à pintura e ao ensino de arquitetura. Como professor catedrático da Escola de Arquitetura de Grenoble, também coordenou o laboratório Desenho e Canteiro. Hoje ocupa-se da pintura, dirige os seminários do terceiro ciclo da escola e escreve sobre a experiência no ensino da arte e da arquitetura para o Ministério da Cultura da França.

Flávio Império, que sempre teve, como cenógrafo, uma carreira individual mais autônoma em relação ao grupo, prosseguiu em pesquisas plásticas e espaciais e na atuação como docente. A participação na vida política sempre ocorreu mais como artista do que como militante. Trabalhou com os principais grupos de teatro da época, grandes opositores do regime militar, como o Teatro de Arena, dirigido por Augusto Boal, e o Oficina, dirigido por José Celso Martinez Corrêa.

Atualizando a discussão

A possibilidade de um projeto de autoria coletiva, fruto de uma subjetividade racionalizada, a ampliação do conceito de técnica, incluindo um julgamento sobre a maneira como os processos de desenvolvimento se instalaram no País e a elaboração de propostas alternativas que considerem os recursos materiais disponíveis com o objetivo de transformar a experiência social representam as principais contribuições dos três arquitetos para a arquitetura brasileira contemporânea.

Revisitar esses pressupostos pode desfazer alguns enganos que foram criados em torno dessa produção. Equívocos que reforçaram uma vertente regressiva na produção da arquitetura brasileira contemporânea. Ao valorizar o trabalho e as técnicas artesanais de construção, criaram uma imagem idealizada e banalizada de simplicidade, desvalorizando a contribuição original que a cultura popular teve nas propostas da Arquitetura Nova. Essa tendência à estilização das técnicas artesanais substituiu a radicalidade das pesquisas da Arquitetura Nova por um virtuosismo cordato, bem ao gosto das revistas de decoração.

Por outro lado, acreditar na vigência do projeto moderno

no Brasil sem responder às questões levantadas pela Arquitetura Nova sobre os processos de produção da construção civil no País, seria, no mínimo, uma posição dogmática. Em um momento de grandes transformações na estrutura produtiva do Brasil, a reflexão sobre as propostas da Arquitetura Nova poderiam ser um ponto de partida para a atualização do projeto moderno brasileiro.

ANA PAULA KOURY

é arquiteta e urbanista, diplomada pela escola de arquitetura da USP de São Carlos, autora da dissertação de mestrado Grupo Arquitetura Nova, orientada por Carlos Alberto Ferreira Martins

AU leituras

☞ *Acrópole* – número especial da revista sobre o grupo, nº 319, julho de 1965

Projeto – “O Arquiteto, a Máscara e a Face”, Paulo Bicca, São Paulo, 1984

☞ *AU Arquitetura e Urbanismo* – “O Horizonte do Possível”, Angela Maria Rocha, edição nº 18, 1988

Espaço e Debates – “Arquitetura Nova, Sérgio Ferro”, edição nº 40, São Paulo, 1997

AAVV – “Flávio Arquiteto”, Sérgio Ferro

Flávio Império em Cena, catálogo da exposição, Sociedade Cultural Flávio Império, Sesc, São Paulo, 1997

O Canteiro e o Desenho – Sérgio Ferro, Projeto Editores Associados, São Paulo, 1979

Proposta Inicial para um Debate: Possibilidades de Atuação, Sérgio Ferro e Rodrigo Lèfevre, Encontros GFAU 63, GFAU, 1963

Projeto de um Acampamento de Obra: Uma Utopia, Rodrigo Lèfevre, dissertação de mestrado, FAU-USP, 1981

